



Universidades Lusíada

Oliveira, Humberto Nuno Lopes Mendes de, 1961-

Portugueses no campo de concentração de Dachau

<http://hdl.handle.net/11067/7706>

Metadados

Data de Publicação

2006

Resumo

A existência de Portugueses em Campos de Concentração Nacional Socialistas é um assunto que parece distante e desconhecido da historiografia nacional. O objectivo deste artigo é dar a conhecer os dados disponíveis no Arquivo do Campo de Concentração de Dachau (KZ-Gedenkstätte Dachau) sobre o registo de dezanove prisioneiros de nacionalidade portuguesa aí internados no período de vigência desse campo, o primeiro de uma vasta rede de campos que o regime Nacional-Socialista construiu nos seus doz...

The existence of Portuguese inmates in National-Socialist Concentration Camps is a subject that looks distant and unknown to national historiography. The aim of this paper is to present the available data in the Archives of the Concentration Camp at Dachau (KZ-Gedenkstätte Dachau) about the nineteen prisoners of Portuguese nationality arrested there during the operating period of this camp, the first one of a vast net of Concentration Camps built by National-Socialist regimen during its twelv...

Editor

Universidade Lusíada Editora

Palavras Chave

Dachau (Campo de concentração), Guerra Mundial, 1939-1945 - Prisioneiros e prisões, Portugueses

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 03 (2006)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-22T13:28:36Z com informação proveniente do Repositório

**PORTUGUESES NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO
DE DACHAU**

Humberto Nuno Lopes Mendes de Oliveira
Universidade Lusíada de Lisboa
hnlmdo@lis.ulusiada.pt

Resumo

A existência de Portugueses em Campos de Concentração Nacional-Socialistas é um assunto que parece distante e desconhecido da historiografia nacional.

O objectivo deste artigo é dar a conhecer os dados disponíveis no Arquivo do Campo de Concentração de Dachau (KZ-Gedenkstätte Dachau) sobre o registo de dezanove prisioneiros de nacionalidade portuguesa aí internados no período de vigência desse campo, o primeiro de uma vasta rede de campos que o regime Nacional-Socialista construiu nos seus doze anos de consulado.

Palavras chave

Campos de Concentração / Dachau / Prisioneiros Portugueses / Nacional-Socialismo

Abstract

The existence of Portuguese inmates in National-Socialist Concentration Camps is a subject that looks distant and unknown to national historiography.

The aim of this paper is to present the available data in the Archives of the Concentration Camp at Dachau (KZ-Gedenkstätte Dachau) about the nineteen prisoners of Portuguese nationality arrested there during the operating period of this camp, the first one of a vast net of Concentration Camps built by National-Socialist regimen during its twelve years of consulate.

Keywords

Concentration Camps / Dachau / Portuguese Inmates / National-Socialist

Breve introdução ao tema concentracionário

Os denominados “campos de concentração” ou “campos de internamento” foram criados para a detenção de indivíduos, normalmente em grandes grupos, à margem dos habituais processos legais e de julgamento. São grandes campos criados para o aprisionamento de oponentes políticos, inimigos, estrangeiros, grupos étnicos ou religiosos específicos e demais grupos de pessoas em geral, normalmente em tempo de guerra¹. O termo é, assim, usado para instalações nas quais os internados são seleccionados de acordo com os mesmos critérios específicos e não para indivíduos detidos após um processo judicial convencional.

A expressão “concentração” proveio da ideia de agrupar/concentrar um conjunto de pessoas indesejáveis, por razões políticas, num mesmo local, onde pudessem ser facilmente vigiados por quem os encarcerava.

O termo “campo de concentração” deixou praticamente de ser utilizado após a 2ª Guerra Mundial pelos próprios governos, que até então os empregavam e assumiam, devido à propaganda construída em torno dos campos Nacional-Socialistas e que confinou o termo a uma conotação superlativamente pejorativa, utilizando os governos, desde então, progressivamente a expressão de “campos de internamento”, “campos de realojamento”, “instalações de detenção”, independentemente das circunstâncias do campo que podem variar significativamente e muitas das vezes pouco se diferenciarem dos tradicionais “campos de concentração”.

Breve história dos campos de concentração

Desde os primórdios da civilização e documentado pelo menos desde a civilização assíria, com o rei Tukultinurta I (1244-1208 a.C.), que se assistiu a processos de deportação forçada de populações como meio de

¹ Pode igualmente referir-se à prática de países neutros em tempo de guerra para a detenção de forças armadas beligerantes que entraram os seus países.

controlo político-territorial. Contudo, só muito mais tarde possuímos dados claros sobre a prisão de significativos números de civis em grandes campos de prisioneiros.

A busca da história de tais instituições não é pacífica, havendo indesejada disputa sobre a quem atribuir tal criação e respectivo período histórico de surgimento, desde logo porquanto, ao longo da história anterior ao século XIX, instituições que o podem ter sido não utilizaram essa terminologia.

O termo – “campo de concentração” - foi inicialmente utilizado² para classificar os campos de prisioneiros usados durante a insurreição cubana da Terceira Guerra da Independência (1895-98) tendo sido criados pelo governador militar General Valeriano Weyler y Nicolau³, posteriormente pelos americanos para controlar e devastar a guerrilha no decurso da Guerra Filipino-Americana (1898-1901) e sobretudo mais generalizadamente e em maior escala como referência aos campos britânicos construídos durante a guerra na Segunda Guerra Boer (África do Sul) para confinar os Afrikaners do Transval e da Colónia do Cabo (1899-1902).

Porém, mesmo neste último caso, quando os britânicos iniciaram a construção das várias dezenas dos seus campos durante a guerra na África do Sul os mesmos não foram designados de “campos de concentração” mas simplesmente como “campos de refugiados” ou “laagers” e além do mais supostamente concebidos como instituições de ajuda humanitária para as famílias cujas quintas haviam sido destruídas no decurso das lutas⁴. Foi apenas

² Todavia, embora não sendo utilizado o termo, as primeiras concentrações em larga escala de pessoas em centros de detenção por razões étnicas iniciou-se no Verão de 1838 quando o presidente norte-americano Van Buren ordenou ao exército americano que forçasse o cumprimento do tratado de remoção de índios (tratado de New Echota – 29 de Dezembro de 1835) através da concentração dos cherokees em campos de prisioneiros – eufemisticamente designados por “depósitos de emigração” - antes da sua recolocação nos novos territórios. Embora tais campos não fossem, campos de extermínio, nem existisse uma política oficial de morte de pessoas, a verdade é que muitos índios foram violados ou mortos pelos soldados. Muitos mais morreriam por doenças que rapidamente se espalhavam, quer por razão de proximidade, quer por quase inexistentes condições sanitárias. Durante as restantes Guerras índias (até 1890) diversas populações experimentaram o mesmo destino dos cherokees algumas delas chegando a períodos de internamento de 27 anos (Anderson 1991).

³ A política de “reconcentracion” traduziu-se numa movimentação de massas de população rural para áreas suburbanas de cidades, numa tentativa de cortar o apoio da população aos revoltosos. A medida, produto do desespero das tropas espanholas que experimentavam uma crescente perda de efectivos e de domínio territorial, traduziu-se em centenas de milhares de mortos (maioritariamente mulheres, crianças e idosos) por fome, doença, excesso de ocupantes e exposição às intempéries (Tone 2006: 60).

⁴ Na realidade, a destruição devia-se menos às lutas e mais à política inglesa de terra queimada. De facto, tal política levou à destruição de cerca de 30.000 quintas boeres e destruição total ou parcial de 40 localidades levando a que milhares de mulheres e crianças fossem levadas de suas casas à força.

em Março de 1901 que o termo surgiu para descrever os campos de refugiados.

O termo surgiu e foi aplicado pelos parlamentares liberais Charles Prestwich Scott e John Ellis no decurso de uma dura crítica contra o governo liderado pelo conservador Robert Gascoyne-Cecil, marquês de Salisbúria. Desde então a designação de “campos de concentração” passou justa e comumente a ser empregue uma vez que era essa claramente intenção do governo britânico: concentrar a população civil bóer num determinado número de distritos e em localizações controláveis⁵.

Mas foi no decurso do século XX que o internamento arbitrário de civis por governos autoritários se tornou prática muito mais comum. No início do segundo decénio do século, na União Soviética, já milhões de oponentes da colectivização soviética foram encerrados no sistema de “kontslager”⁶, que no ano de 1921 atingiam já o número de 84 e disseminados por 43 províncias destinados à reabilitação dos inimigos do povo.

Dachau e o sistema concentracionário alemão

Como facilmente se comprovará pelos aspectos introdutórios aqui coligidos não se deve ao regime Nacional-Socialista qualquer crédito na criação ou na inicial utilização do sistema de campos de concentração, muito antes da Segunda Guerra Mundial os mesmos haviam sido utilizados como campos seguros onde inimigos civis foram encarcerados.

Os campos de concentração alemães “Konzentrationslager”, abreviadamente KL ou “Lager” (ou seja campo, e posteriormente KZ) tornaram-se conhecidos no decurso do regime Nacional-Socialista. O termo

⁵ Os campos onde os não combatentes de determinada zona foram internados por Lord Kitchener durante a Segunda Guerra Boer (1899-1902) na África do Sul. Kitchener era uma pessoa que não ligava demasiadamente aos detalhes e após estabelecer os campos não cuidou em demasia de como conduzi-los. Os campos foram abastecidos e supervisionados de modo inadequado. A inadequação das instalações, as tendas sobre ocupadas, as rações escassas e pobres, a sujidade gritante aliavam-se às praticamente inexistentes condições sanitárias criando as condições ideais para a proliferação de doenças (tosse convulsa, sarampo, febre tifóide, difteria, diarreia, disenteria), fome e para que as pessoas começassem a morrer.

Devido à política de Kitchener muitas mulheres e crianças foram forçadas ao internamento nesses campos/prisão, que assim proliferaram, para impedir o reabastecimento dos boers. O objectivo era de tal modo evidente que as rações de familiares dos homens ainda combatentes eram ainda mais reduzidas e não incluíam carne. Existiram um total de 45 campos para boers e 64 para negros. Crê-se que nesses campos tenham morrido 27.927 boers (dos quais 22.074 eram crianças) e cerca de 20.000 negros (Pakenham 1979).

⁶ Antepassados do sistema de Gulag. A tradução da expressão inglesa para russo é provavelmente devida a Trotsky conhecedor da história da guerra dos Bóer (Applebaum 2003: xxxiv).

é frequentemente utilizado propagandisticamente, com maior ou menor justificação, implicando que tais campos eram destinados ao extermínio, ao contrário de apenas servirem para a concentração dos encarcerados. Um campo de concentração não é por definição um campo de morte, na realidade, a principal função desses campos eram o de serem utilizados como fontes de trabalho barato ou escravo⁷ para as manufacturas de material de guerra, trabalhos de obras públicas ou de produção de outros bens.

Como relatava o *“Völkischer Beobachter”* de Terça-feira 21 de Março de 1933, “na Quarta-feira o primeiro campo de concentração com uma capacidade para albergar 5.000 pessoas será erigido nas proximidades de Dachau”. Em Junho desse ano, Heinrich Himmler nomearia Theodor Eicke (fig. 1) como comandante do campo. A ele se deveu a organização dos planos e regras de funcionamento que se tornariam modelo para os demais campos a construir o que lhe valeu ser, no ano seguinte, nomeado Inspector para todos os campos que foram estabelecidos tendo Dachau como modelo. Por tal facto, Eicke foi mesmo alcunhado como o pai do sistema de campos de concentração. Dachau foi o único dos campos de concentração que existiu durante os doze anos do consulado Nacional Socialista e por tal facto a sua importância é ímpar no universo concentracionário alemão. Após 1945 funcionou como campo de internamento de alemães nacional-socialistas até 1948 e posteriormente o governo da Baviera utilizou-o para albergar refugiados até ao início da década de 60. Em 1965 abria ao público com a sua actual função.



Fig. 1 – Heinrich Himmler e Theodor Eicke de visita a Dachau (cerca de 1941/42) (Bundesarchiv, Koblenz)

Prisioneiros Portugueses em Dachau

Foi no decurso de uma visita ao Campo, em Outubro de 2004, que da exposição aí patente constava um grande cartaz (fig. 2) com as origens dos prisioneiros no período de funcionamento do campo, durante o consulado Nacional-Socialista (1933-1945), que fui alertado para esta realidade.

Não se estranha que, durante a visita da exposição, tal cartaz tenha chamado a minha particular atenção porquanto

⁷ As SS que geriam o universo concentracionário recebiam uma pequena quantia pelo trabalho prestado pelos reclusos nas diversas empresas. Tal pagamento era empregue na administração do campo e em benefício da própria instituição.

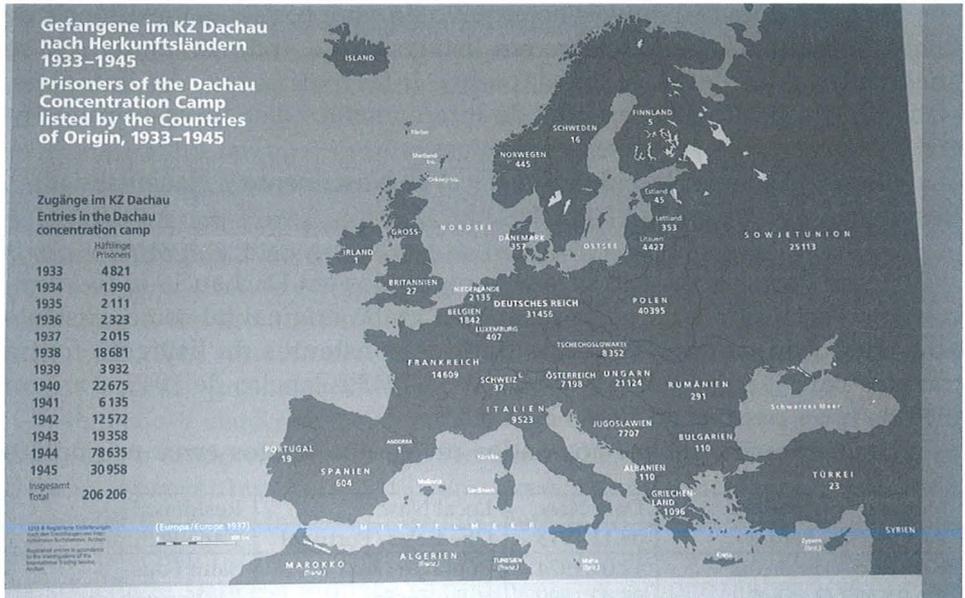


Fig. 2 – Prisioneiros no Campo de Concentração de Dachau, listados por países de origem (1933-1945) (fotografia do autor).

dele constava a indicação do internamento de 19 portugueses naquele campo, ou suas dependências (*Außenlager* – Fig. 3)⁸, o que era para mim uma novidade absoluta e facto que não me recordava de ver referido em qualquer trabalho que tivesse consultado. Não sendo, naturalmente, um grupo numeroso de prisioneiros, com menor incidência apenas se encontravam 1 irlandês, 1 andorrenho, 5 finlandeses e 16 suecos, eram, porém, cidadãos nacionais o que se revestia para mim de particular interesse.

Seria possível saber mais para além desse número de quase duas dezenas de portugueses? Quem seriam? Em que circunstâncias cidadãos de um país neutral no conflito, teriam ido parar aquele Campo de Concentração? Em que ano? Qual o seu destino?

Procurei, desde então, investigar mais sobre o assunto e nessas pesquisas não quero nem posso deixar de referir a extraordinária colaboração da Stiftung Bayerische Gedenkstätten – KZ Gedenkstätte Dachau, nas pessoas dos colegas Klara Gissing e Dirk Riedel que com disponibilidade e paciência me auxiliaram, ao longo dos meses, nas minhas pesquisas sobre os portugueses em Dachau.

⁸ Dachau possuía quase duas centenas (197) de campos subordinados de trabalhos, fundamentalmente de indústria, construção, agricultura, desminagem, enfermagem e caminhos-de-ferro.

As indicações disponíveis no arquivo do campo, dada a inexistência de fichas individuais, traduzem-se em listagens que, todavia, ainda não se encontram completas e devidamente informatizadas. As listagens, elaboradas a partir dos assentos de internamento, disponíveis fornecem-nos basicamente os seguintes elementos:

Nome / Data de Nascimento / Local de Nascimento / Nacionalidade / Residência

Como Portugueses encontram-se registados em Dachau 19 indivíduos, conforme lista infra em que se mantém a grafia original tal como existente no arquivo do campo. Todos os detidos constantes da listagem foram trazidos para Dachau entre Novembro de 1943 e Janeiro de 1945, com um pico de nove pessoas no Verão de 1944.

Uma primeira análise aos dados revela-nos muitos erros nos nomes

Nome	Data Nasc.	Local Nasc.	Residência
ACCASSIE, Ferere	08.11.1913	Obedielas/Portugal	Capelle Biron
BARBOSA, François	12.02.1924	Ponta de Lima	Saint Fous
CARBALLO, Abel	04.02.1890	Villa Verze	Kl. Vernest
DA COSTA, Amarico	13.06.1896	Oporto	Rouen
DA SILVA, Joseph	11.04.1926	Monteau	Savignes
DACUNHA, Delfine	01.08.1887	Ribeiro Lozade	Chateauroux
DE PASSOS, Josef	04.01.1926	Rügles	Plaine St. Denis
DESSOSA, Ahleno	17.05.1905	Seliologe	La Capelle Bir.
FERNANDEZ, Martin	01.07.1911	Brogance	Paris
FERREIRA, Antonio	22.03.1895	Villa Neal	Limoges
KRAUSZ, Nandor	09.09.1898	Budapest	Budapest
MARTINS, Casimiro	12.03.1906	Loule San Clemente	Loule San Clemente
MATEOS, Albert	03.03.1897	Sierpo	Vernet
NEVES, Joseph	25.05.1905	Lisabon	Ja
OLIVERIA VARJIA, Jose	07.10.1895	St.Joa de Bastuca	Villars
PIRES, Manuel	05.06.1904	Altimes	Hauteville
ROZSA, Emil	15.04.1894	Heves	Budapest
SECARA, Jack	07.08.1911	Bali	Capelle Biron
VIEIRA, Thomas	07.03.1889	Albufera	Paris

dos prisioneiros, bem como nos das localidades portuguesas, sendo claro um “afrancesamento” de muitos deles nos documentos originais e não sendo de estranhar que, numa reduzida percentagem, alguns erros possam ainda advir da própria transcrição dos nomes grafados nos papéis pessoais, naturalmente, pouco comuns na Alemanha. Igualmente parece ser claro que, embora registados como tal no campo, por motivos que dificilmente se poderão saber, três dos indivíduos constantes da lista, Emil Rozsa, Nandor Krausz e Jack Secara, não parecem ser portugueses. Os dois primeiros, judeus húngaros um nascido em Heves (norte da Hungria) e outro na capital

Budapeste, não o seriam seguramente não se entendendo, assim, o porquê de terem a nacionalidade portuguesa nos papéis apresentados em Dachau, sabe-se terem ambos sido deportados de Budapeste e o facto de serem judeus fornece-nos essa informação complementar sobre o seu estatuto de prisioneiros. O terceiro indivíduo dado como nascido em Bali (a mais conhecida localidade desse nome é, como sabido, na Indonésia⁹) localidade não existente em Portugal e que não ostenta igualmente qualquer nome comum entre nós. Não é, todavia, de excluir a possibilidade de se tratarem de documentos falsos ou mesmo da obtenção de passaportes portugueses (procurados devido à neutralidade do país) num qualquer posto consular português. Esta sumária apreciação fará, em meu entender, descer para 16 os portugueses presos em Dachau, 15 homens e uma mulher¹⁰.

Parece ser claro que à excepção de um indivíduo (Casimiro Martins, é dado como tendo residência em São Clemente, Loulé, Portugal) todos os demais apresentam domicílio em França e aí todos eles terão sido capturados e enviados para Dachau. Este facto, tratando-se de cidadãos de um país neutral no conflito indicia serem já então indivíduos integrados na sociedade francesa e quase seguramente ex-simpatizantes, e eventuais combatentes, da República espanhola que terão passado a França após a vitória dos sublevados, impossibilitados que estavam de regressar a Portugal. Não é pois de estranhar que os seus nomes surjam afrancesados e que aí tenham sido apanhados pelas autoridades e enviados para Dachau como prisioneiros políticos.

Procedeu-se, sempre que possível, à correcção dos aspectos da grafia associada quer ao nome dos prisioneiros quer às respectivas localidades de nascimento. Na linha superior apresentam-se os dados provenientes do arquivo de Dachau, tal como supra apresentados, e na linha inferior as correcções propostas já por mim sugeridas ao arquivo local. Nalguns casos, por as localidades indicadas nos documentos não existirem em Portugal, procurou-se na obra quase coeva de alguns nascimentos *Portugal Antigo e Moderno*, as localidades com topónimo mais aproximado em Portugal, indicando-se, nesse caso, tal indicação com ponto de interrogação.

Do destino dos portugueses prisioneiros em Dachau sabemos que

⁹ Poder-se-ia admitir que, dada a relativa, proximidade fosse um habitante de Timor, antigo território português. Mas mesmo esta hipótese é rebuscada.

¹⁰ Embora Dachau tivesse sido construído como campo para prisioneiros masculinos, a partir do Verão de 1944 começaram a ser enviadas mulheres para alguns dos sub campos. Nos inícios de 1945 com os transportes de evacuação as mulheres começaram também a ser instaladas no campo principal, embora em área rigorosamente separada da masculina.

ACCASSIE, Ferere	Obedielas
FERREIRA, Acácio	Odivelas
BARBOSA, Francois	Ponta de Lima
BARBOSA, Francisco	Ponte de Lima
CARBALLO, Abel	Villa Verze
CARVALHO, Abel	Vila Verde
DA COSTA, Amarico	Oporto
COSTA, Américo da	Porto
DA SILVA, Joseph	Monteau
SILVA, José da	Montouto (Trás-os-Montes)?
DA CUNHA, Delfine	Ribeiro Lozade
CUNHA, Delfina da	Ribeiro Louzada
DE PASSOS, Josef	Rügles (Localidade francesa)
PASSOS, José de	Engano de registo?
DESOSA, Ahleno	Seliologe (Localidade francesa)
SOUSA, Alfeno de	Engano de registo?
FERNANDEZ, Martin	Brogance
FERNANDES, Martim	Bragança
FERREIRA, Antonio	Villa Neal
FERREIRA, António	Vila Real
MARTINS, Casimiro	Loulé San Clemente
MARTINS, Casimiro	São Clemente, Loulé
MATEOS, Albert	Sierpo
MATEUS, Alberto	Serpa
NEVES, Joseph	Lisabon
NEVES, José	Lisboa
OLIVERIA VARJIA, Jose	St.Joa de Bastuca
VÁRZEA, José Oliveira	São João de Bastuço
PIRES, Manuel	Altimes (Localidade francesa)
PIRES, Manuel	Engano de registo?
VIEIRA, Thomas	Albufera
VIEIRA, Thomas	Albufeira

apenas um Alberto Mateus, natural de Serpa, morreu no campo em 6 de Fevereiro de 1945, 8 foram libertados entre Abril e Maio de 1945, Acácio Ferreira, Alfeno de Sousa, Américo da Costa, José Oliveira Várzea, José Neves, José de Passos, Manuel Pires e Martim Fernandes. Igualmente libertados o judeu húngaro Nandor Krausz e Jack Secara.

O destino dos restantes detidos portugueses: Abel Carvalho, António Ferreira, Casimiro Martins, Delfina da Cunha, Francisco Barbosa, José da Silva e Thomas Vieira, bem como do judeu Emil Rozsa¹¹ passou pela transferência para um dos seguintes campos: Buchenwald, Flossenbürg, Mauthausen, Natzweiler¹² e Neuengamme.

Destes no único arquivo que investiguei, para além de Dachau, o do KZ-Gedenkstätte Neuengamme¹³ (Hamburgo), encontrei a referência a Casimiro Martins, registado como trabalhador florestal, transferido para esse campo em 22 de Outubro de 1944, onde veio a falecer na manhã de 18 de Dezembro desse ano.

O posterior destino dos demais cidadãos nacionais é desconhecido havendo que, eventualmente, buscar nos arquivos dos respectivos campos que podem, ainda, ocultar novos dados sobre a presença de cidadãos portugueses no universo concentracionário Nacional-Socialista.

¹¹ De acordo com o estudo de Robert Steegmann (2005) este prisioneiro foi transferido de Dachau para Natzweiler-Struthof, onde foi admitido em 24 de Novembro de 1944, vindo a falecer em 27 de Dezembro em Dautmergen ou Schömberg de motivo desconhecido.

¹² Por indicação disponibilizada pelo "Centre Européen du Résistant Déporté", cuja colaboração se agradece, não existem dados sobre mais nenhum português nesse campo, para além de Emil Rozsa, assim registado.

¹³ Mais uma vez em Neuengamme ocorre a mesma situação que em Dachau, dos quatro prisioneiros listados como portugueses, só Casimiro Martins aparenta sê-lo. Cabe aqui uma palavra de agradecimento ao Dr. Reimer Möller pela sua gentileza.

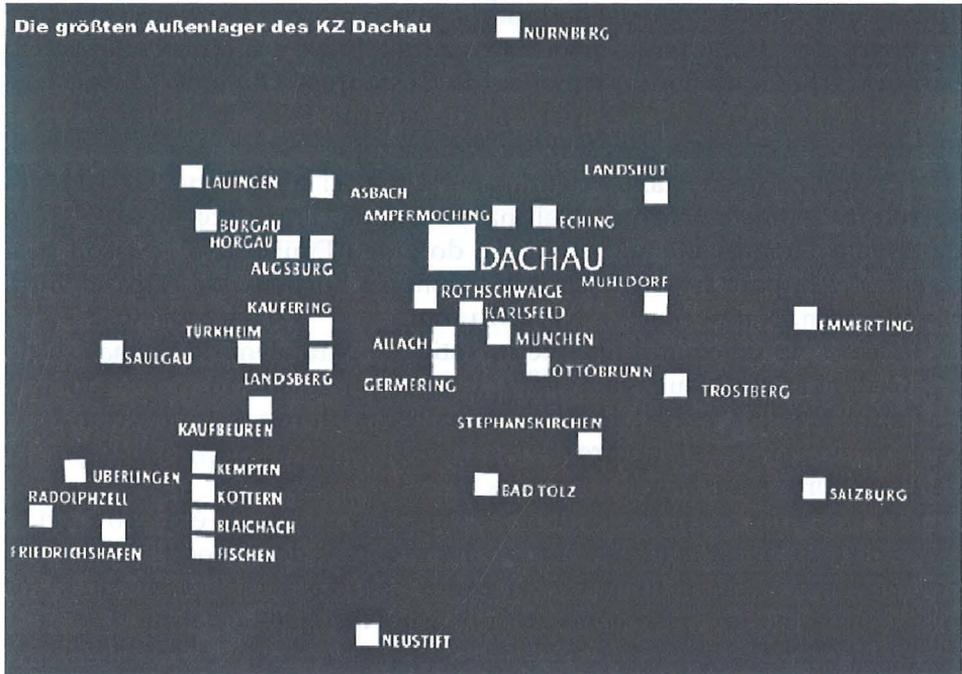


Fig. 3 – Os maiores campos exteriores – *Außenlager* – de Dachau.
(<http://www.gedenkstaettenpaedagogik-bayern.de/aussenlager.htm>)

Bibliografia

- Anderson, William L.. ed. 1991. *Cherokee Removal: Before and After*. Athens. Georgia: University of Georgia Press.
- Applebaum, Anne. 2003. *Gulag: A history*. New York: Doubleday.
- Bautista, Veltisezar. 2002. *The Filipino Americans (1763-Present): Their History, Culture and Traditions*, 2ª ed.. Naperville: Bookhaus Publishers.
- Berben, Paul. 1975. *Dachau, 1933-1945: The official history*. Boston: Norfolk Press.
- Distel, Barbara. 1972. *Dachau Concentration Camp*. Dachau: Comité International de Dachau.
- Duncan, Barbara R. and Riggs, Brett H. 2003. *Cherokee Heritage Trails Guidebook*. Chapel Hill: University of North Carolina Press.
- Leal, Augusto de Pinho. 1875. *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão.
- Marcuse, Harold. 2001. *Legacies of Dachau: The Uses and Abuses of a Concentration Camp, 1933-2001*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pakenham, Thomas. 1979. *The Boer War*. New York: Random House.
- Schwarz, Gudrun. 1990. *Die nationalsozialistischen Lager*. Frankfurt/New York: Campus Verlag.

Steegmann, Robert. 2005. *Struthof. Le KL-Natzweiler et ses kommandos: une nébuleuse concentrationnaire des deux côtés du Rhin 1941-1945*. Strasbourg: Éditions de la Nuée Bleue.

Tone, John Lawrence. 2006. *War and Genocide in Cuba, 1895-1898*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press.

Fontes

Völkischer Beobachter

Recursos Internet

<http://www.kz-gedenkstaette-dachau.de>

<http://www.kz-gedenkstaette-neuengamme.de>

<http://www.gedenkstaettenpaedagogik-bayern.de>